

JOVENS AGRICULTORES: ENTRE A REPRODUÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA NO CAMPO

Elisabete Joaquina da Silva¹ – Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO

A vida no campo tem sido olhada e vivenciada de maneira diversa pelos jovens que fazem parte deste universo. Além do dualismo “ficar” e “sair” que faz parte da construção social da categoria juventude rural², para os que ficam, ou seja, aqueles que desejam permanecer no campo dando continuidade ao trabalho dos pais na propriedade ainda existe outro conflito, se situam entre a reprodução e a ressignificação dos padrões culturais da vida no campo.

Os jovens rurais têm sido vistos pelos estudos como uma categoria que carrega a responsabilidade da reprodução social da agricultura familiar. As estratégias de reprodução perpassam a sucessão da terra e do trabalho agrícola, mas não acontecem sem conflitos intergeracionais. Este artigo tem como objetivo fazer uma abordagem da vivência de jovens agricultores, mostrando que aqueles que pretendem seguir a profissão do pai vivem em um constante conflito entre a reprodução e a ressignificação da vida no campo.

É importante destacar que não existe uma homogeneidade na juventude rural. É preciso definir de que jovens estamos falando. Para Elisa G. de Castro (2009) os estudos sobre juventude rural classificam apenas os jovens que vivem no campo e são filhos de agricultores familiares, desconsiderando os filhos de grandes proprietários, jovens empresários rurais, bem como os jovens das comunidades tradicionais³. Vale lembrar, que todas essas categorias citadas fazem parte do universo rural, embora o termo Juventude rural seja utilizado nos estudos como sinônimos para jovens agricultores. Neste estudo vamos

¹ Licenciada em História pela UPE e mestranda em Antropologia Social pela UFPB.

² CASTRO, Elisa G. de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural**. Tese de Doutorado. PPGAS- Museu Nacional, UFRJ, 2005.

³ CASTRO, E.G, MARTINS, Maíra, ALMEIDA, Salomé Ferreira de, RODRIGUES, Maria Emília, CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção do autor político**. Rio de Janeiro: EDUR, 2009. P.59.

abordar os jovens agricultores como grupo específico, sem se reportar a uma categoria mais ampla da qual ele faz parte – os jovens rurais

Este estudo é parte integrante da minha pesquisa de mestrado em Antropologia Social que visa descrever a permanência de jovens no campo como uma alternativa possível. Os jovens em questão são pertencentes a uma família numerosa composta por pai, mãe e dez filhos, entre os filhos são três homens e sete mulheres. Esta família vive na Comunidade Rural denominada Sítio Agustinho, localizada no município de Feira Nova, interior de Pernambuco. O que diferencia esta família das demais é o fato de os filhos terem assumido a função de Agricultores e gestores da propriedade da família uma vez que os pais agora estão aposentados e passam a assumir uma posição mais passiva frente as atividades desenvolvidas na propriedade.

O trabalho de campo mostrou que nesta etapa do ciclo doméstico são os filhos que estão na “linha de frente” da produção familiar e que a sua atuação modificou as relações sociais e a estrutura física da propriedade da família. Estas modificações possibilitam uma nova leitura da família rural e da atuação dos próprios jovens neste contexto. Para (GUIGOU, 1968), a relação da juventude rural no interior da família é marcada também por uma tendência de mudança na própria estrutura familiar. Nesse caso o autor recomenda o abandono de lugares comuns do entendimento vulgar sobre as famílias rurais e percebê-las em um processo de nuclearização. Segundo Guigou:

A nova concepção da família rural distingue-se pela maior autonomia de que gozam os jovens, ela é vivida de uma forma mais dinâmica. Pela competência técnica e econômica o jovem agricultor adquire rapidamente um papel de colaborador e frequentemente de promotor em matéria de administração agrícola da empresa de exploração familiar⁴.

Tradicionalmente, a profissão de agricultor é passada de pai para filho de maneira endógena, ou seja, os conhecimentos são passados de uma geração para outra, dentro do próprio ambiente da produção familiar, a propriedade. Esta sucessão implica numa socialização prévia na atividade, iniciada durante a infância, e que, em grande medida, ocorre “na prática”. Isto quer dizer, em primeiro lugar, que dificilmente alguém se torna agricultor familiar a partir de um aprendizado exclusivamente escolar. Neste sentido, os cursos técnicos

⁴ GUIGOU, 1968, p.84, apud WEISHEIMER, Nilson. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro Escadinha**, Feliz/RS. Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em Sociologia IFCH/UFRGS, Porto Alegre 2004 P.104

agrícolas, como as “escolas de alternância” ou as “casas familiares rurais”, recrutam seus alunos fundamentalmente entre os filhos de agricultores, qualificando o saber de jovens previamente socializados na atividade. Em segundo lugar, o início do aprendizado profissional na agricultura raramente ocorre na fase adulta dos indivíduos. Em terceiro lugar, na agricultura a reprodução endógena é particularmente elevada, uma vez que poucos indivíduos ingressam como profissionais nesta atividade caso não sejam filhos de agricultores⁵. Para compreender melhor como se dar esse processo de reprodução, e ou, sucessão entre os jovens agricultores, se faz necessário compreender o que se discute sobre reprodução social dentro das ciências sociais.

1. Reprodução social e agricultura familiar

De forma geral, os estudos sobre reprodução social preocupam-se com as formas pelas quais se dá a continuidade de estruturas, práticas e instituições sociais. Nesse sentido, abordam uma das questões básicas das Ciências Sociais (BOURDIEU, 1994, p. 3; GIDDENS, 1995, p. 365). Entre os marxistas, Rosa Luxemburg considera que a noção de reprodução teria uma abrangência no plano da sociedade como um todo e sua essência estaria no ciclo produção-consumo. A autora entende por reprodução a continuidade da produção de bens para o consumo ao longo do tempo, que varia historicamente, com base, por um lado, na articulação entre tecnologia, matéria prima e trabalho; e por outro, nas formas sociais de produção, incluindo a organização social, ou seja, a relação do homem com a natureza e a relação dos homens entre si⁶.

Segundo Almeida (1986), a reprodução na agricultura familiar é abordada de duas formas: como reprodução cotidiana (ou no curto prazo) e reprodução geracional (ou no longo prazo). A primeira abordagem diz respeito à “como a unidade familiar se reproduz no ciclo anual, combinando trabalho, recursos naturais e conhecimento tradicional para atender ao consumo familiar e para repor os insumos necessários ao reinício do processo”⁷. Este aspecto envolve a “lógica econômica da família, que preserva famílias via trabalho e consumo”. Assim, pesquisas sobre reprodução da agricultura familiar no curto prazo envolvem questões relacionadas às formas e meios de produção (como a apropriação e uso de tecnologias) e sua organização, na qual se incluem a divisão de trabalho entre os membros da família e as

⁵ CHAMPAGNE, 1986b, p. 42-3. Apud. ANJOS, Gabriele dos e BRUMMER, Anita. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar**. Revista NERA – ano 11, nº12, jan/jun de 2008, p.09.

⁶ LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital*. London; New York: Routledge, 2003 P. 4

⁷ ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Redescobrimdo a família rural*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.1, n.1, p.66-93, 1986 P.67

relações sociais estabelecidas com outros agentes sociais e instituições. Estes estudos também analisam as condições de permanência – ou reprodução - da unidade produtiva enquanto tal, envolvendo o trabalho dos membros da família. No estudo desta reprodução levam-se em conta as formas de utilização da terra e de alocação do trabalho e o uso de recursos naturais e como esses podem garantir ou não a existência da unidade produtiva no curto prazo e por mais de uma geração. De forma semelhante, alguns autores preocupam-se com a capacidade das famílias de continuarem a manter determinadas condições de existência (como ocorre na agricultura familiar), com base em estratégias específicas (como discutido em CHAYANOV,1974; e SCHNEIDER, 2003).

Para os fins desse artigo, abordaremos a reprodução de curto prazo, destacando a capacidade que os jovens têm de criar novas estratégias de reprodução da agricultura familiar levando em consideração as condições de permanência da unidade produtiva e analisando a atuação dos jovens na resignificação deste espaço – que nada mais é, que as novas estratégias de reprodução desenvolvidas pelos jovens agricultores. Vale salientar, que este processo permite uma reconstrução das relações entre as gerações. Para uma melhor compreensão discutiremos a seguir como se estruturam as relações inter-geracionais.

2. Geração e relações inter-geracionais

Ser jovem é viver uma experiência geracional comum, significa dizer que pessoas classificadas em uma mesma faixa etária e que vivem num mesmo período histórico, pertencem a uma mesma geração. Aqui o conceito de geração se apresenta como um conjunto homogêneo por ser constituída por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, definida em termos etários como juventude. No entanto, essa geração também pode ser heterogênea se considerada como um conjunto social constituído por jovens em situações sociais diferentes ⁸.

Ao estudar o conceito de geração pode perceber que este pode ser ainda mais amplo e diverso ao mesmo tempo. Luís Antônio Groppo (2000) ao escrever sobre o conceito de geração em Mannheim, afirma que para este autor geração é um “fato coletivo”, uma forma de situação social ⁹. Para ele a vivência de uma experiência comum de indivíduos situados em

⁸ PAIS, José Machado, **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.p.34.

⁹ GROPPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro, DIEFEL, 2000. P.19.

uma mesma fase crucial do curso da vida, proporcionaria aos indivíduos participantes uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, os restringe a uma gama específica de experiência potencial e a um tipo característico de ação historicamente relevante.¹⁰ Assim, este grupo se caracterizaria e teria sua marca geracional nas vivências e/ou participação em determinadas transformações que ocorreram no período histórico em que eram jovens. Uso a categoria juventude para identificar a fase crucial do curso da vida, porque historicamente a juventude sempre carregou a marca de responsáveis pelas grandes transformações, pois, em Mannheim, a juventude aparece como força transformadora da modernidade, a juventude é reconhecida como agente transformador.

Essa compreensão da geração jovem como agente transformador se dá, porque os jovens estão mais abertos a novas idéias de mudanças sociais que os indivíduos mais maduros e, portanto, os mais velhos não fazem parte da mesma unidade geracional que os mais jovens.

Esta recepção diferente dos acontecimentos, principalmente das transformações sociais, explica por que os grupos etários mais velhos não participam da mesma unidade de geração dos grupos etários mais jovens.¹¹

É nessa diferença de aceitação das transformações sociais que reside as tensões entre as gerações. Os problemas vivenciados pela geração dos pais são diferentes dos enfrentados pela geração dos filhos. Além do mais, as situações sociais são encaradas de maneiras diferentes por pais e filhos. Por exemplo, em uma unidade de produção da agricultura familiar, a forma como o jovem, filho do agricultor percebe este espaço e como planeja atuar nele, é diferente da percepção do pai, sendo esta uma das razões dos conflitos intergeracionais dentro da família de agricultores. Segundo Georges Balandier (1976), *este fenômeno ocorre porque a diferenciação das categorias de idade e a autoridade tida como natural da “geração dos pais” seriam desse modo a conseqüência das funções de adestramento e de integração social que esta geração deve assumir*¹². Ou seja, os pais desempenham o papel de produtor biológico e social da nova geração. Assim, a relação antagônica entre a antiga e nova geração, que separa os pais dos filhos, contém a semente de uma classificação segundo a idade. E dentro da família existe uma hierarquização, cujo, os filhos que estão na base da pirâmide devem reproduzir o que seus pais ditam, até que eles

¹⁰ MANNHEIM, 1982, apud. GROppo, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro, DIEFEL, 2000, p. 20

¹¹ Iden. P.22

¹² BALANDIER, Georges. **Antropo-logicas**; tradução de Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo, Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976. p.72

possam assumir o lugar de chefe da família, que se dará pela morte do pai ou pela constituição de sua própria família através do casamento. Nesse caso, vale salientar que para as filhas a subordinação é ainda maior, além de ficar subordinada à autoridade do pai, ainda é submetida à autoridade dos irmãos mais velhos. Na maioria dos casos, ao contrário dos filhos homens as filhas jamais passarão ao lugar de chefe de família.

As relações de gerações (e seu modelo: o relacionamento pai/filho) estão essencialmente ligadas ao conjunto do sistema social. O que se encontra em jogo são as posições que atribuem influência e poder, os meios de definição e de reprodução das formas sociais existentes ¹³

Portanto, podemos dizer que nas relações inter-geracionais a disputa é pelo direito de autoridade que o pai acha que tem sobre filhos e filhas, em contrapartida os filhos acham que podem definir o melhor modelo a seguir e não necessariamente, precisam estar submetidos ao peso da autoridade paterna. Os jovens reconhecem sua condição como pessoas que constituem uma nova geração, e de sua posição subordinada tanto ao mundo da linhagem familiar quanto à sociedade dos adultos. Pois, sabem que a idade assim como o gênero são elementos de organização social e nessa pirâmide as gerações mais novas estão na base e, portanto, subordinada a geração mais velha.

3. As mudanças no campo impulsionadas pelos jovens

As representações sobre o rural têm mudado muito ultimamente, este elemento levou a uma dinamização da vida no campo ocasionando transformações no ambiente e nas relações sociais. Essas transformações foram impulsionadas por jovens que buscavam alternativas que lhes garantissem a permanência no campo com dignidade.

Foi isso que aconteceu como as filhas da família Pascoal. Elas queriam permanecer no campo e trabalhando na agricultura, mas não queriam ter uma vida cheia de limitações, devido a falta de recursos. Certo dia, uma delas foi convidada a participar de uma capacitação que pretendia formar jovens, filhos de agricultores para desenvolver em suas propriedades uma agricultura orgânica de maneira sustentável. Foi a partir daí que começaram os primeiros conflitos, como conta a jovem:

Me lembro, que a primeira coisa que eu quis fazer lá em casa foi uma curva de nível, pois como o terreno de lá é enladeirado eu quis ver se essa técnica realmente funcionava, pense no sacrifício que foi convencer o meu pai que essa era uma técnica possível e que poderia dar

¹³ Iden.p.94

muito certo. Senti muita desconfiança por parte dele, uma rejeição pelo novo. Ele dizia que nunca em toda vida de agricultor, nunca viu ninguém plantar desta maneira, dizia que eu ia desperdiçar as sementes e perder tempo. Esse foi o primeiro desafio. E quando eu vim com a idéia de plantar sem usar adubo químico, foi outro conflito. (Josicleide, 28 anos.)

Essa vontade de mudar as coisas é uma característica das sociedades modernas, e nos espaços rurais pode-se perceber que o desenvolvimento dependerá entre outras coisas de uma profunda ressignificação de suas funções sociais.¹⁴ Neste sentido, o rural e agricultura não devem ser percebidos apenas como uma fonte de renda. É preciso compreender este espaço como um espaço de vida que possibilite aos jovens a produção de renda e realização de projetos pessoais, quando este tem ligação com a vida no campo. Gerando assim, nova vitalidade no campo através da atuação dos jovens ressignificando este espaço. Esta nova vitalidade é capaz de atrair a juventude, oferecendo, sobretudo alternativas profissionais locais.¹⁵

No depoimento acima, a ressignificação se inicia pela substituição da agricultura convencional pela agricultura orgânica. Tudo isso está situado no que podemos chamar de nova ruralidade. Segundo STROPASOLA, 2006, *“a proposição de uma nova ruralidade busca resgatar e colocar em relevo a importância que adquirem o espaço rural, as atividades agrícolas e as populações aí residentes.”*¹⁶ Neste campo essa nova ruralidade também é percebida pela diversidade de atividades que são desenvolvidas dentro de uma mesma propriedade.

Segundo os membros desta família, antes o único produto cultivado era a mandioca. Plantavam e vendiam toda produção aos atravessadores sem beneficiá-la. Hoje a partir da atuação dos jovens existe uma diversidade de produtos cultivados dentro da propriedade (hortaliças, frutas, pequenos animais, etc), além de beneficiarem os alimentos, que já não são mais vendidos a atravessadores e sim diretamente ao consumidor nas feiras. A pluriatividade também é vista para além de atividades agrícolas. Os jovens combinam o trabalho na

¹⁴ WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre, 2009. P. 212.

¹⁵ WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre, 2009. P.214.

¹⁶ STROPASOLAS, Valmir Luiz, **O mundo rural no Horizonte dos jovens.** Florianópolis Ed. da UFSC, 2006, p.67.

agricultura com trabalhos fora da propriedade. A pluriatividade tem como pano de fundo o bloqueio ou a resistência ao meio rural.¹⁷

E foi a partir da variação das atividades que os filhos da família Pascoal conseguiram modificar a cara da propriedade, aumentar a renda da família e tornarem-se autônomos dentro da propriedade, conseguiram mostrar aos pais um novo jeito de fazer agricultura e assim as resistências por parte dos pais foram sendo quebradas.

Para mim acho que o mais difícil foi convencer o meu pai de que a gente podia vender nossos produtos diretamente ao consumidor. Primeiro pelo fato de eu ser mulher, afinal “mulher não sabe fazer negócio” e além do mais existia um medo do fracasso dessa idéia. Mas como nós começamos a diversificar a produção, temos muitos produtos a oferecer e hoje nós temos uma clientela fixa que nos rende uma boa grama por feira. Acho que conseguimos mostrar nossa capacidade de gestão para eles. (Jacione, 26 anos)

Como podemos observar esta atitude não apenas modificou os padrões nas relações inter-geracionais, como também trouxe mudanças nos padrões de gênero. Foi através da atuação das filhas que a família descobriu um novo jeito de fazer uma agricultura mais rentável e para as filhas isso significou o ganho de autonomia. Ressignificando não só o trabalho agrícola, mas, também as relações de gênero.

A diversificação da produção, a venda direto ao consumidor, e a realização de outras atividades além das ligadas a agricultura se configuram novas estratégias de reprodução para continuidade da propriedade de produção familiar. A mecanização da produção e a conquista de novos mercados para venda dos produtos agrícolas vêm se estabelecendo como um novo campo de possibilidades para a geração desses jovens que desejam permanecer no trabalho agrícola. Para Carneiro (1998), esse processo é resultado do reconhecimento da importância da realização de projetos individuais¹⁸. No caso desses jovens em questão eles têm consciência que o trabalho na propriedade não inviabiliza a realização de seus projetos individuais. Tanto é que todos os filhos da família Pascoal estudaram e conseguiram se formar em um curso técnico ou superior e isso não os afastou das atividades agrícolas. Existe entre eles uma compreensão que é possível conciliar outras atividades com o trabalho na

¹⁷ **iden.** P.73.

¹⁸ CARNEIRO, Maria José. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginários dos jovens rurais.** In: Teixeira da Silva, F.C., Santos, R., Costa, L.F.C. (orgs.) Mundo Rural e Política. Rio de Janeiro, Ed. Campus/Pronex, 1998 P. 17.

propriedade. Segundo STROPASOLAS (2006) trabalhar em outras atividades representa para os jovens rurais a possibilidade de construção de um outro imaginário. Em decorrência de novos valores adquiridos e construídos por eles através da atuação em novos espaços, novas expectativas e novos projetos de vida podem surgir no cotidiano desses jovens, redefinindo padrões aparentemente cristalizados¹⁹. E conseqüentemente novas formas de reprodução da agricultura familiar vão sendo criadas por estes jovens, ressignificando a vida no campo.

4. Considerações finais

A reprodução social da agricultura familiar em curto prazo permite aos jovens criarem novas estratégias para sua permanência nas atividades agrícolas que poderão passar para as próximas gerações. Os padrões culturalmente estabelecidos vem sendo modificados em decorrência da atuação dos jovens concebendo novas oportunidades de realização dos projetos pessoais.

Embora a relação entre as gerações e os gêneros sejam em alguns momentos conflituosa, no contexto em que este estudo foi desenvolvido, as mudanças nas relações são frutos da ressignificação da vida no campo. Os jovens estão mais autônomos e estão conseguindo formar uma base de sustentação para sua permanência no campo. As jovens mulheres estão ganhando espaço e desenvolvendo estratégias de gestão no negócio familiar rural. Este fato vem sendo valorizado e tem modificado as relações entre os Gêneros.

Um dos aspectos mais relevantes quando se fala em estratégias de reprodução entre os jovens agricultores é a possibilidade de realização de projetos pessoais. Hoje os jovens têm consciência que sua atuação em outras áreas num ambiente externo à propriedade não inviabiliza a reprodução da propriedade. Os conhecimentos adquiridos fora da propriedade podem qualificar a atuação dos jovens neste ambiente e modificar não apenas os processos produtivos mas e principalmente as relações sociais no ambiente familiar.

¹⁹ STROPASOLAS, Valmir Luiz, O mundo rural no Horizonte dos jovens. Florianópolis Ed. da UFSC, 2006, p.141.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Redescobrimo a família rural. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.1, n.1, p.66-93, 1986.

ANJOS, Gabriele dos e BRUMMER, Anita. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Revista NERA – ano 11, nº12, jan\jun de 2008

BALANDIER, Georges. **Antropo-logicas;** tradução de Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo, Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Stratégies de reproduction et modes de domination. Actes de la Recherche en Sciences Sociales,** Paris, n. 105, p. 253-267, dez. 1994.

CARNEIRO, Maria José. **O ideal rurano: campo e cidade no imaginários dos jovens rurais.** In. Teixeira da Silva, F.C., Santos, R., Costa, L.F.C. (orgs.) Mundo Rural e Política. Rio de Janeiro, Ed. Campus/Pronex, 1998

CASTRO. E.G, MARTINS, Maíra, ALMEIDA, Salomé Ferreira de, RODRIGUES, Maria Emília, CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção do autor político.** Rio de Janeiro: EDUR,2009

CASTRO, E. G. de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural.** Tese de Doutorado. PPGAS- Museu Nacional, UFRJ,2005

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber.** 4 ed., Lisboa: Editorial Presença, 1994

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro, DIEFEL, 2000.

LUXEMBURG, Rosa. **The Accumulation of Capital.** London; New York: Routledge, 2003

PAIS, José Machado, **Culturas Juvenis.** Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.18, 51, p. 99-121, fev. 2003.

STROPASOLAS, Valmir Luiz, O mundo rural no Horizonte dos jovens. Florianópolis Ed. da UFSC, 2006

WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre, 2009

WEISHEIMER, Nilson. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro Escadinha,** Feliz/RS. Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em Sociologia IFCH/UFRGS, Porto Alegre 2004